

## A INFORMAÇÃO

Malheiro da Silva, A. (2006) *A Informação - Da Compreensão do Fenómeno e Construção do Objecto Científico*, Edições Afrontamento, Lisboa; ISBN: 9723608596

### PREFÁCIO

POR FERNANDO ILHARCO  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

De um ponto de vista da comunidade de investigadores, um dos primeiros problemas que a informação levanta, se de facto se trata de um fenómeno íntimo da existência humana e pertinente em termos ontológicos, é o de porquê só agora, como que no final da História e não no seu princípio, estamos nós preocupados com esse mesmo fenómeno? Esta obra do Prof. Armando Malheiro da Silva vem em boa altura para nos ajudar a responder a esta pergunta, a entender os contornos do problema em causa e a profundidade das questões que caracterizam a área das ciências e da filosofia da informação, da comunicação e fenómenos relacionados.

Aproveitando a oportunidade da escrita deste prefácio, a qual muito me honra, e apelando entusiasticamente ao estudo do seu texto, pois que se trata de uma contribuição de grande qualidade, exigente e rigorosa, venho abordar nestas linhas uma problemática importante, que o Prof. Malheiro da Silva, por várias vezes e de diversas formas aborda nesta obra. Trata-se de uma tese, que aqui e ali e de um modo não sistemático tenho tentado articular, e que visa responder à questão que acima colocamos, e que se apoia também em alguns dos argumentos que o Prof. Malheiro da Silva apresenta neste livro. A tese é esta: só hoje – desde 1948, com o paper de Claude Shannon – nos temos vindo a debruçar em profundidade e com espanto sobre o fenómeno informação porque só agora, dada a tecnologia contemporânea, alterámos a relação linear, transparente, inquestionável e tendencialmente única entre a informação e a acção. A acção humana no mundo, isto é, a sua utilidade o seu significado são aspectos centrais da informação, refere o Prof. Malheiro da Silva. Lê-se neste livro que numa definição de informação se deve referir que “o acto individual e/ou colectivo funda e modela estruturalmente a informação (...). [O] acto informacional está implicado ou resulta sempre tanto das condições e circunstâncias internas, como das externas do sujeito da acção.” A acção é, assim, fundadora e modeladora da informação. Desejando fazer jus ao magnífico texto do Prof. Malheiro da Silva, ousamos ilustrar este relação fundamental, essencial, expondo um argumento assente que utiliza três filmes recentes: *Munique*, de Steven Spielberg; *Máquina Zero*, de Sam Mendes; e *Relatório Minoritário*, também de Steven Spielberg.

O nosso argumento é que nestas três histórias de poder e de conflito a acção se relaciona com a informação de uma forma distinta: em *Munique*, a informação segue a acção; em *Máquina Zero*, a informação separa-se da acção; em *Relatório Minoritário*, a informação precede a acção. Estes três filmes encerram o que pode chamar-se três ordens de informação. Tomados sequencialmente, de *Munique* para *Máquina Zero* para *Relatório*

*Minoritário*, estes filmes são bem um testemunho da textura política, cultural e tecnológica dos últimos e dos próximos cinquenta anos. Na primeira ordem de informação, a realidade precede a informação: em *Munique* a informação segue a acção. Na segunda ordem, a informação separa-se da realidade: em *Máquina Zero*, a informação separa-se da acção. Na terceira ordem, a informação passa a preceder o que acontece: em *Relatório Minoritário*, a informação precede a acção.

Nos três filmes as tecnologias de informação e comunicação disponíveis modelam de forma substantiva o modo como diferentes sistemas dominam e são dominados, ou seja, a tecnologia determina ou influencia decisivamente a maneira como se exerce o poder, como se sobrevive e se prospera. Os três filmes espelham três épocas, três modos de comunicar, três modos de exercício do poder, três realidades, três mundos. O que diferencia um mundo de outro? A resposta: a informação. A resposta mais detalhada: a relação da informação com a acção que escreve a história – a marca de uma civilização, a cultura mais funda de uma época. Escreve Malheiro da Silva: “[a] diferenciação assumida, por Bordieu, entre cultura em sentido restrito e *habitus*, ajuda-nos, mais uma vez, a retomar, através de um paralelismo genérico, a definição de Morin: os dois capitais da cultura — um cognitivo-técnico (saberes, práticas, regras, saber-fazer) e outro mitológico e ritual (crenças, normas, proibições, valores);” ambos os capitais da cultura – sugerimos nós – como contextos de acção da época, são modelados imperceptível e decisivamente pela relação da informação com a acção.

Na primeira ordem de informação, que estamos a ilustrar através do filme *Munique*, a acção que marca o curso dos acontecimentos, e fazendo-o ela é a pena que escreve a história, é por princípio secreta. Quando algo decisivo se sabe, é tarde demais. Quando o mundo sabe que os atletas israelitas foram feitos reféns na Aldeia Olímpica, quando é informado que todos os reféns foram salvos e depois que todos eles estão mortos, quando o primeiro membro do comando da vingança é assassinado, quando o contacto se reúne com Avner para saber o que aconteceu, então, em todos esses momentos decisivos da acção, o fundamental é já passado, já aconteceu, é história. A realidade, o que acontece no terreno, sabe-se *a posteriori*, depois das coisas terem acontecido. A essência do poder de então é por isso a capacidade do seu exercício isolado e sem comunicação. O que de decisivo acontece é sempre algo que já aconteceu. Em *Munique*, como em todos os ambientes da primeira ordem de informação, os quais em rigor são os jogos, políticos ou culturais, jogados por todos os que nunca participaram na definição das suas regras, o que conta é a performance, o desempenho, a capacidade de reagir instintivamente, de liderar e de saber actuar apropriadamente num jogo pré-definido quase na sua totalidade. A realidade é o que acontece e o desafio do poder é conhecer rápida e detalhadamente o que aconteceu. A informação segue a acção: a informação informa-nos sobre o que já foi.

Na segunda ordem de informação o que acontece é uma coisa e a informação sobre o que acontece é outra. O significado do que se passa, por isso e para todos os efeitos o que é real, depende dos objectivos operacionais, táticos e estratégicos dos poderes que intervêm na criação da informação e no desencadear das acções irreversíveis. A informação é apenas uma arma no confronto e da competição, tal como o são os homens, as televisões, o dia e a noite, os mísseis, as bombas, as balas. Em *Máquina Zero*, no deserto, coração da primeira Guerra do Golfo, tendo visto uma única vez um inimigo vivo e tendo sido alvo apenas de um ataque, de fogo amigo, o soldado Swofford

surpreende-se quando a guerra termina sem que ele tenha disparado um único tiro. Na CNN, os vídeos verde-escuro das câmaras colocadas nos mísseis substituem os correspondentes de guerra. No terreno, os repórteres de carne e osso que filmam o caos de uma guerra travada para lá do horizonte telefonam para as redacções a milhares de quilómetros de distância para saber o que é que se está a passar no local onde eles próprios estão - perguntando aos editores o que é eles, repórteres, viram. Quem lá esteve, Swofford no Golfo ou o protagonista do já longínquo *O Meu Tio da América*, de Alain Resnais, diz que a realidade decisiva, no primeiro caso a guerra e no segundo a América, nunca existiram. Bem como escandalosamente escreveu Baudrillard, a primeira Guerra do Golfo não aconteceu; não aconteceu porque numa guerra ambos os lados lutam, porque se morre entre os dois oponentes, porque ambos podem lutar, porque efectivamente alguém se confronta, porque o resultado é incerto, e porque, acima de tudo, como escreveu Clausewitz, nunca realmente se sabe o que se passa, ao contrário do que aconteceu em 1991 no Golfo em que na CNN sempre se sabia "o que se estava a passar" – mais o que se estava a passar, para todos os efeitos, era o que passava nos ecrãs da CNN. Assim, na segunda ordem de informação a realidade é a informação sobre o que acontece, aconteceu ou vai acontecer. O desafio do poder é então o de maximizar a seu favor a assimetria da informação.

Na terceira ordem, a informação precede o que acontece. É o que passa no filme *Relatório Minoritário* onde a informação sobre o que vai acontecer no futuro determina a acção da polícia no presente. O sonho de sempre da ciência, da filosofia e de qualquer homem, o conhecimento do futuro, havia sido atingido à custa de *cyborgs* adivinhadores, os *precogs*, desligados do dia a dia, sem identidade nem vida própria, mas conhecedores do terrível que podia vir a acontecer. A sua missão era a de antecipar o que podia passar-se se nada entretanto fosse feito para o evitar. A sua responsabilidade era por isso captar informação determinante sobre o que iria acontecer; aliás, a informação não era sobre o que iria acontecer – ela era a que iria acontecer. A informação tinha aqui a força da certeza, mas... Mas o que era verdade agora, passava a ser mentira depois da polícia intervir. Por breves instantes abria-se uma janela no tempo em que os homens desfaziam os caminhos da realidade; e a via para fazer isso era precisamente a informação. A dissuasão preventiva, através de uma polícia que chega ao local do crime antes do criminoso, tal como hoje os jornalistas pretendem estar nos ecrãs antes da notícia acontecer, analisada por Baudrillard no seu último livro *Le Pacte de Lucidité*, foi o que determinou o final da guerra-fria e a entrada na nova "era do terror", como lhe chama o escritor norte-americano Don DeLillo.

Quando em Maio de 2002 os líderes dos países da NATO, liderados por George Bush, e a Rússia, conduzida por Vladimir Putin, se reuniram na base aérea italiana de Patrica di Mare, para formalmente colocar um fim à guerra-fria, estavam rodeados por quinze mil soldados, polícias e bombeiros, por aviões de combate nos céus italianos, nas pistas das bases militares e nos porta-aviões no Mar Mediterrâneo, por baterias de mísseis anti-aéreos preparados para ser disparados e com toda a aviação civil em terra até ao fim dos trabalhos. Para uma cerimónia que formalmente colocava um ponto final numa guerra, convenhamos, tratou-se de um ambiente um pouco estranho... Afinal, não era mais do que a prova provada de que se uma guerra acabara outra havia começado. Todo o arsenal de segurança estava a postos, como hoje está, para enfrentar o que se não sabe, aquela ameaça sobre a qual ainda não há informação... Não se sabe onde está quem a preparar o

quê – e isto hoje é o objecto da guerra. Em geral não se sabe o que pode acontecer porque quando se sabe, actua-se. A história transformou-se numa transformação da história prestes a acontecer. A ordem das coisas é a especulação permanente sobre o que pode acontecer. Age-se em função da informação sobre o que pode acontecer e do que se faz crer que se sabe sobre o que pode acontecer. O que existe, no sentido do que é determinante para a acção no presente, em rigor, é o que não existe mas pode existir; por exemplo, as armas de destruição maciça no Iraque, que poderiam ter existido não existiam; ou a bomba nuclear iraniana, cuja possibilidade alimenta uma grave crise internacional. Neste último caso, obviamente, a questão mais funda é a ausência de diferença entre ter a informação sobre a bomba e ter efectivamente a bomba...

Na terceira ordem de informação, a realidade é a alteração da realidade e o desafio do poder é o de alterar a seu favor o que vai acontecer. Estas três ordens de informação, a da informação que segue a acção, a da informação que se separa da acção, e a da informação que precede a própria acção, não se eliminam mas antes coexistem. Cremos que esta separação fundamental da acção da informação, consequência da aplicação da tecnologia ao domínio comunicacional e informacional, é determinante para que hoje entendamos a nossa era como a da informação. Esta obra do Prof. Malheiro da Silva é um contributo de uma enorme valor para que possamos de uma forma rigorosa entender a profundidade e a relevância do estudo do fenómeno da informação e dos muitos e variados aspectos a ele associados. Trata-se de um texto que vai a muito longe e vai para muito longe na análise ao fenómeno informação. Além da análise muito rica, este texto oferece-nos também um enquadramento conceptual, científico e histórico notável sobre o fenómeno da informação. Os estudiosos, os investigadores, os estudantes e, em geral, os homens e mulheres preocupados com a informação, a documentação, a comunicação como fenómenos centrais da época em que vivemos encontrarão nesta obra do Prof. Malheiro da Silva um texto que os guiará e acompanhará por muito e muito tempo.

*Fernando Ilharco*

Prof. Universidade Católica Portuguesa

Faculdade de Ciências Humanas

Lisboa